

**MÁSCARAS DA COLONIZAÇÃO NA FIGURA BRUXESCA DA
MULHER NA NARRATIVA AMAZÔNICA: A MÃE SERINGUEIRA DAS
COSTAS SANGRANDO**

Larissa Gotti Pissinatti¹

Sonia Maria Gomes Sampaio²

RESUMO: Essa pesquisa tem por objetivo analisar os aspectos colonizadores na imagem da mulher figurada como bruxa/feiticeira expressa de forma assombrosa na narrativa oral da/na região amazônica *A Mãe Seringueira das costas sangrando*, presente na obra *A Mãe da Seringueira e a Onça*, de Alves, Caetano, Pinto e Amim, (2021). A metodologia tem seu aporte na abordagem crítica dos estudos pós-coloniais e no feminismo decolonial. Os argumentos dos autores como Edward Said, Frantz Fanon, Neide Gondim, Silvia Frederic, dentre outros, fundamentam a análise da narrativa em questão que evidencia as marcas da colonização a partir da expressão da mulher amazônida de forma assombrosa e tenebrosa. Os resultados indicam que, no decorrer dos tempos, em diversas produções da literatura oral amazônica, a subalterna condição da mulher, imposta pelo patriarcado, associa a figura feminina a uma pessoa velha, solitária, desgredada e com poderes malinzos. Essa representação bruxesca da mulher proporciona um campo análise das circunstâncias socioculturais em que se percebe o exercício, cada vez mais efetivo, de práticas colonizadoras que inferiorizam e desfiguram a mulher no contexto das relações de gênero.

Palavras-Chave: Mãe Seringueira. Mulher. Colonização. Bruxa.

**MASKS OF COLONIZATION IN THE WITCHCRAFT FIGURE OF WOMEN IN
THE AMAZONIAN NARRATIVE: A MÃE SERINGUEIRA DAS COSTAS
SANGRANDO**

ABSTRACT: This research aims to analyze the colonizing aspects in the image of women depicted as witches/sorceresses expressed in a amazing way in the oral narrative of/in the Amazonian region The

¹ Docente efetiva da Universidade Federal de Rondônia, lotado no Departamento de Letras Vernáculas. Atua no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (UNIR). Pós-doutoranda pela Universidade Federal de Roraima (PROCAD-AM/UFRR/UNIR). Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (2020). Professora do Programa de Pós-graduação Mestrado em Estudos Literários- PPGMEL/UNIR. Vice-Líder do Grupo de Pesquisa em Culturas, Literaturas e Amazônias - GPCLAM/UNIR/CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7964-7063>. E-mail: larissa.pissinatti@unir.br.

² Professora Titular da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. cursou Graduação em Letras/UNIR, Especialização em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica -PUC-MG, Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1998), Doutorado em Educação Escolar no eixo de Gestão e Políticas Públicas pela Universidade Estadual Paulista (2010) e Pós-Doutorado em Literatura Amazônica pela Universidade Federal de Roraima (2021). Líder do Grupo de Pesquisa em Culturas, Literaturas e Amazônias - GPCLAM. Participa do Programa do Mestrado Acadêmico em Estudos Literários e Mestrado Acadêmico em Letras. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4466-4397>. E-mail: soniagomesampaio@gmail.com.

Bleeding-Back Rubber Tapper Mother, present in the work *The Rubber Tapper Mother and the Jaguar* by Alves, Caetano, Pinto and Amim (2021). The methodology is based on the critical approach of postcolonial studies and decolonial feminism. The arguments of authors such as Edward Said, Frantz Fanon, Neide Gondim, Silvia Fredric, among others, support the analysis of the narrative in question, which highlights the marks of colonization through the expression of Amazonian women in a haunting and dark way. The results indicate that, over time, in various productions of Amazonian oral literature, the subordinate condition of women imposed by patriarchy associates the female figure with an old, solitary, disheveled person with malign powers. This witchcraft representation of women provides a field for analyzing the sociocultural circumstances in which the increasingly effective exercise of colonizing practices can be perceived, practices that inferiorize and distort women in the context of gender relations.

Keywords: Rubber Tapper Mother; Women; Colonization; Witches.

Introdução

Mulher, termo que evoca diversas experiências que começam na infância com comentários do tipo: Ela é menina e logo se tornará uma mulher; Toda mulher deve ter a experiência de ser mãe; Menina não pode abrir as pernas ao sentar; menina é mais sensível, intuitiva; menina não pode andar sem blusa, só menino, ou ainda, mulher deve ter os mesmos direitos que o homem; mulher pode trabalhar onde ela desejar; tantas outras falas que são determinantes no que devemos fazer, diferenciando-a do homem, na tentativa de limitar ou instigar politicamente, em alguns momentos, posturas, roupas, trato com o corpo, brincadeiras, trabalhos, fatores que ainda diferenciam a condição biológica.

Essa dicotomia marcada pela biologia onde a mulher é colocada em oposição ao homem, é um traço de herança do pensamento ocidental em que sua condição é considerada menor em relação ao homem. Isso não apresenta uma identidade, mas posturas e atitudes determinadas pela sociedade que ainda exercem impacto no desenvolvimento da sua identidade, pois ainda encontramos muitas delas que não superaram essa formação dicotômica que, muito distante de diferenciar uma identidade, pretende ainda inferiorizar e subalternizá-las.

Nesse sentido, a ideia de mulher que adotamos nesse artigo não está no argumento biológico, mas na sua representação na literatura e as reverberações provocadas, a partir das considerações que são apresentadas na materialidade do corpo, das atitudes e do espaço em que a mulher é representada no conto popular *A Mãe da Seringueira das costas sangrando*. Essa representação determina seu posicionamento na sociedade e se corporifica na literatura, retratando, também, o que perpassa no imaginário e impactando o desenvolvimento da subjetividade feminina. Concordamos com Funck (2011, p. 71) ao afirmar que

[...] mulher é um ser humano concreto, entendido culturalmente como feminino em certo momento ou lugar, e que precisa negociar sua experiência dentro de construções discursivas que podem ou não comprometer seu completo desenvolvimento como indivíduo. Não é uma postura necessariamente política.

A noção de Funck (2011), perpassa uma identidade e uma identificação em ser mulher. Não há uma definição única, pois transita e se metamorfoseia no decorrer da história e nas diversas culturas e são encontradas nas produções literárias, percorrendo inclusive, os movimentos feministas. Dessa forma, investigar a representação da mulher na literatura, implica posicionar-se e identificar nos discursos das produções amazônicas, a subversão das atitudes colonizadoras nas relações de gênero.

Nesse contexto, essa pesquisa trouxe a seguinte problemática: em quais termos podemos considerar que a figura da mulher, em narrativas orais e escritas da região amazônica, apresenta aspectos colonizadores nas relações de gênero, a partir de uma expressão de bruxa e ou feiticeira?

A fim de responder ao problema de pesquisa utilizamos a abordagem crítica dos estudos pós-coloniais na literatura que, como afirmam Nenevé e Sampaio (2016), tem por objetivo problematizar as relações de poder, constituindo-se, numa postura crítica “anti”, “contra” as atitudes colonizadoras que perduram até os dias atuais.

Autoras como Lugones (2008), Funck (2011) e Butler (2021), abordam as relações de poder em um contexto de dominação sociocultural, asseverando que a mulher pode ser um sujeito duplamente subalternizado, pois além de mulher pode estar na condição de inferiorização étnica, social, religiosa, física, dentre outras especificidades que a tornam inferior não somente por sua condição de gênero e ausência de direitos sociais, mas por outras questões que foram adentrando os sistemas sociais, constituindo uma inferiorização estrutural da mulher. Um dos elementos estruturais é a ideia da maldade associada à figura da mulher no período medieval com a noção de bruxa e que, como afirma Frederic (2017), o mal e o diabólico como parte da própria constituição da mulher é cunhada e fortalecida com a inquisição e institucionalizada, por meio do documento *Malleus Maleficarum*, elaborados por Kramer e Sprenger (2023), no século XV, se estendendo como instrumento de dominação e opressão da mulher no decorrer dos tempos, principalmente no processo de colonização.

Nesse contexto, esse estudo é um convite para o exercício da decolonialidade de gênero, a partir do questionamento das relações de poder expressas, também, em narrativas que

circulam na região, compreendendo as estratégias patriarcais de dominação na intenção de descolonizar as posturas machistas dominadoras e opressoras em relação à mulher.

Narrativas orais: a construção de valores culturais e relações sociais

As narrativas orais são parte da cultura do povo amazônida, assim como de outros povos. Essas narrativas, surgem a partir de contextos específicos e contribuem na constituição de valores culturais impactando nas vivências e comportamentos dos povos locais. A narrativa oral referente à Mãe Seringueira circula entre os povos extrativistas da região amazônica, passando de geração para geração.

A partir dos descritores mãe seringueira e literatura, encontramos três trabalhos relevantes relacionados à temática. O primeiro, um artigo de Santos Filho (2021), intitulado *Entidades sobrenaturais em narrativas de trabalhadores das florestas da Amazônia acriana*, trata do impacto que as narrativas que envolvem seres sobrenaturais, entre eles, a “Mãe seringueira”, na extração de recursos e proteção da floresta.

Outro artigo encontrado que se relaciona à temática foi de Santana e Silva (2021), sob o título: *Os brasivianos do rio mamu e a poética mitológica do viver nos seringais da Amazônia boliviana*. Os autores não tratam de forma específica do ser sobrenatural *Mãe seringueira*, mas a citam várias vezes no decorrer do trabalho, apresentando sua importância para os povos que vivem nos seringais da Amazônia boliviana, destacando o poder materno de punição quando a seringueira é agredida durante a extração do látex. Os autores ainda destacam que as narrativas, dentre elas, a *Mãe seringueira* “contribuem no processo de organização do espaço de ação no entorno das singularidades e pluralidades do lugar internalizado pelos seringueiros na floresta pandina boliviana” (SANTANA; SILVA, 2021, p. 551).

A pesquisa de Fares (2007) também merece ser mencionada nesse trabalho, pois trata de um outro ser sobrenatural presente na Amazônia, denominada Matinta Perera. Em seu artigo intitulado *Imagens da Matinta Perera em contexto amazônico*, a pesquisadora destaca a força da assombração no cotidiano do povo paraense. Matinta é uma assombração, assim como a Mãe Seringueira. Ela se anuncia através de um assobio e tem a aparência de uma bruxa. Em vários elementos a narrativa de Matinta se aproxima da Mãe Seringueira, dentre eles, a aparência de uma bruxa, o feitiço, o poder de punir as pessoas e proteger a floresta.

As entidades sobrenaturais presentes na Amazônia: Curupira, Matinta Perera, Mapinguari, Mãe Seringueira, dentre outras, estão ligadas a elementos fundantes da vida (ar, água, terra, fogo) e também por serem parte fundante da floresta.

Nessa perspectiva Ferreira Netto (2008), afirma a circularidade das narrativas orais e sua capacidade de ordenar e significar as relações e as práticas sociais, assim, no contato com a narrativa “[...] passado e presente não se confundem quanto ao curso do tempo, uma vez que o passado tem o presente como destino e o presente tem o passado como destino[...]” (FERREIRA NETO, 2008, p. 34).

O significado atribuído às narrativas amazônicas, em que constam os seres de assombração, remontam à ancestralidade. Os fragmentos de vida que se enunciam na própria oralidade, promovem a manutenção da identidade cultural e das práticas sociais constituídas a partir do valor atribuído culturalmente à essas narrativas, ou seja, a circulação delas possibilitam a orientação de práticas sociais e o desenvolvimento da identidade desses sujeitos que as contactam e adquirem, através da tradição, o valor que essas narrativas possuem no contexto sociocultural em que vivem.

Considerando os argumentos de Ferreira Netto (2008), podemos afirmar que a circularidade das narrativas orais permite a construção de seres que se são constituídos por elementos originários e expressam marcações histórico-políticas, significando dizer que as narrativas ao serem passadas de geração em geração vão se transformando a fim de atender a necessidade de ordenação sociocultural de cada tempo.

A narrativa da “Mãe seringueira”, intitulada por Cascudo (2005, p. 534), como A mãe-da-seringueira é denominada pelo referido autor como “fantasma amazônico, protetor da seringa, seringueira (*Hevea brasiliensis Muell*). Espécie de caapora”. A caapora é um ser de origem indígena que favorece o caçador quando é beneficiada com algo. Da mesma forma, a Mãe seringueira aprecia o fumo que pode ser colocado aos pés da seringa em troca de uma boa extração do látex. Além disso, as marcas na seringueira precisam ser feitas de forma que não machuquem a árvore, quando isso acontece, a Mãe seringueira pode se manifestar, pois uma ferida na árvore, a machuca tanto quanto e, é nesse momento, que pode ocorrer a punição ao seringalista e sua manifestação física ao extrator.

As narrativas orais, a exemplo dos mitos, trazem uma circularidade de sentidos que se metamorfoseiam conforme o contexto sócio-político-cultural. Isso fica muito evidente na narrativa *A Mãe seringueira das costas sangrando*, pois agrega valores e aspectos da cultura dos povos extrativistas do látex na região amazônica.

Veremos a seguir, o contexto histórico-cultural em que esta narrativa circula e ganha poder de impactar as relações e organizar a relação com o meio (floresta). Daremos destaque à figuração da mulher, pois diferentemente da narrativa original, a Mãe seringueira é expressa como uma mulher desgredada, velha e feiticeira, retomando a ideia de mulher, associada à figura da bruxa do período medieval.

A mulher amazônica

O contexto histórico-social de circulação da narrativa Mãe seringueira remonta o período de extração da borracha na Amazônia, incluindo nesse contexto o processo de dominação e exploração dos recursos que aqui haviam.

No processo de colonização da América Latina o colonizador inventa, não somente a Amazônia, mas a mulher nativa que aqui vivia. As expedições organizadas pela Europa sequenciam o insólito em seu imaginário, através dos relatos de viagens. Segundo Gondim (2019), a Amazônia era retratada pelo colonizador como o Eldorado, Éden habitado, também, pelas lendárias mulheres guerreiras, as Amazonas, chamadas assim, pelos exploradores em seus relatos de viagem.

As Amazonas eram conhecidas como guardiãs da floresta, apesar de serem concebidas pelos exploradores como mulheres fortes e corajosas, mas não eram reconhecidas por superarem a coragem do europeu que tinha uma atitude heroica e um maior poder bélico, comparada às guerreiras. Além disso, o fantástico se apresentava na descrição corporal de alguns relatos, como aquelas que tinham somente um seio, e enquanto nativas, diferente na raça e na cor, eram compreendidas como selvagens, assim como o homem indígena, “desarmonizando a ordem social instalada pelo branco” (GONDIM, 2019, p. 162), justificando a dominação, a exploração e a catequização desse povo.

Segundo Bosi (2002), o ethos que movimentava a vivência do nativo em seus diversos grupos culturais espalhados pela floresta, é narrado como antropofágico, associado à selvageria, primitivismo, canibalismo, desconstruindo as práticas que antes constituíam o centro vivo de sua identidade. Ocorre então, a diabolização de todos seus rituais e cerimônias, instalando por meio do medo um método para explorar e dominar.

Devemos lembrar que a Europa desse período é marcada pela Santa Inquisição que procurava apagar qualquer forma de universo que se diferenciava do cristianismo [...] É tempo

de perseguição implacável à magia, tempo de caça às bruxas e aos feiticeiros [...]” (BOSI, 2002, p. 69).

Nesse sentido, a mulher indígena, sendo ela uma Amazona ou não, é estigmatizada e estereotipada pelo colonizador por ser “não-branca, não-europeia”. Os ritos indígenas e o exotismo que constituíam a identidade da mulher na floresta são associados ao satânico, fazendo com que o colonizador temesse a mulher indígena por desconhecer os seus saberes.

Na Europa desse período, a mulher que participava de rituais ligados à natureza, mulheres curandeiras e que de alguma forma resistiam à invasão de suas terras eram perseguidas e denominadas bruxas. A associação da mulher como “feiticeira má” – bruxa, segundo Frederic (2017), foi uma tentativa de desempoderar e invisibilizar sua identidade. Isso é observado nos inúmeros ataques e condenações de mulheres em comparação aos homens, que, em muitos casos eram chamados de “mago branco” e tinham a atividade mágica e/ou ritualísticas associadas à alquimia e à astrologia.

O estigma da mulher não cristã como bruxa, contribuiu para o processo de silenciar a mulher na sociedade, diminuindo seu protagonismo, objetificando seu corpo. Ser queimada por um homem, além de ser uma ação fruto de uma condenação político-religiosa da época, era um ato que atravessava o simbólico e o epistêmico, destituindo a mulher de seu conhecimento e de seu poder em relação à sociedade da época. Na literatura universal, encontramos várias figurações da mulher indígena e preta como bruxa/feiticeira, destacamos aqui a personagem Siorax, mãe de Calibã presente na obra *A tempestade* de Shakespeare (2019). Siorax, uma mulher argeliana é figurada como bruxa/feiticeira na narrativa, comparada ao demônio por Próspero quando se dirige a Calibã: “Tu, escravo venenoso, gerado pelo próprio demônio dentro de tua monstruosa mãe [...]” (SHAKESPEARE, 2019, p. 26), expressando a desfiguração da mulher como estratégia colonizadora e mantenedora do patriarcado nas relações de gênero.

Essa estratégia de desfigurar o outro que não está nos padrões estabelecidos pela cosmovisão cristã, a partir da metodologia do medo, é trazida com a colonização para a Amazônia e, nesse processo, a mulher indígena guerreira é mitificada. O seu corpo é compreendido como um objeto a ser possuído pelo colonizador. Essa atitude subalterniza a função da mulher em relação ao homem, destituindo seu status de mulher na floresta. Além disso, observamos nesse processo de desfiguração da mulher, o elemento medo presente, pois ao figurar a mulher que não está nos padrões europeus como uma “bruxa” associa sua imagem ao maligno e tenebroso. Para Fanon (1968), o embrutecimento e a desfiguração do outro é uma forma de inferiorização à fim de colonizar e dominar.

Na esteira de Fanon (1968), Frederic (2017), afirma que as práticas de extermínio utilizadas na caça às bruxas, foram também aplicadas nas terras colonizadas em relação aos indígenas, aos negros e às mulheres que eram vistas pelo colonizador com “marcas da bestialidade e da irracionalidade” (FREDERIC, 2017, p. 360). Essa forma de entender os sujeitos femininos colonizados, naturalizava a dominação, a inferiorização e a exploração, vivendo uma dupla colonização por serem mulheres e não-europeias.

A figura da Mãe seringueira é representada como uma assombração com características que a aproximam da figura de uma bruxa. O cabelo desganhado, o uso do cajado, a aparência descuidada, o sangue nas costas, nos remetem à imagem medieval da mulher feiticeira que impõe o medo nas relações.

A dimensão material e simbólica caracterizada por elementos tenebrosos e bruxescos da mulher, conforme Frederic (2017) e Hanciau (2004), tem a função de inferiorizar, excluir e deformar o outro, a fim de destituí-lo de qualquer espécie de poder. Com isso, a mulher que não está para os valores patriarcais/cristãos/europeus da época se fixa, socialmente, no status de uma pessoa malévola, ligada aos seres e poderes infernais, como um ser enigmático e fronteiro, gerando uma identidade frágil, inferior e assustadora.

Na Amazônia, essa expressão ganha características da cultura local e fortalece as relações de poder nas relações de gênero, uma dessas expressões é a Mãe seringueira, uma mulher assombrosa, com características que podem ser associadas à figura de uma bruxa que pode ser compreendida como uma metáfora da colonização nas relações de gênero evidenciando facetas do processo de inferiorização da mulher no contexto da dominação e exploração da região amazônica.

Mãe seringueira: as evidências da colonização na figuração da mulher-bruxa

A narrativa, Mãe Seringueira, que aqui analisamos, é escrita por pesquisadores da Amazônia Alves, Caetano, Pinto e Amim (2021) que, no decorrer de sua trajetória de vida, conviveram e tiveram contato com pessoas para quem essa narrativa tinha grande força nas relações sociais locais.

A história começa com a menção de um rapaz que acessa a história aos doze anos, por meio de um adulto que relata o encontro com a Mãe seringueira para pedir a ela muita extração de látex. Ela surge em uma encruzilhada às 00h (meia noite). Isso pode ser observado na narrativa, no diálogo entre dois rapazes que trabalhavam no seringal:

Ela falou: - Olha, eu prometi a ela um encontro à meia-noite.
-E onde foi esse encontro? Eu insisti.
-No rumo da minha estrada, na encruzilhada. -disse ele. (ALVES; CAETANO; PINTO; AMIM, p. 10-11, 2021)

O local e horário do encontro são fronteiriços, nos remetendo ao submundo, onde os caminhos são obscuros, causam angústia e medo. Além disso, a encruzilhada, lembra um local que remete ao insólito, típico de rituais demoníacos e pactuais com o mal. Isso pode ser reforçado no excerto: “-Deu um vento tão forte e essa mulher apareceu. – ele me falou assustado como se revivesse aquele momento” (ALVES; CAETANO; PINTO; AMIM, p. 13, 2021). Nesse sentido, conforme Baroja (1978, p. 47), “O mal tem o seu próprio palco: a noite [...]”. O autor afirma que essa concepção é reforçada pela cosmovisão cristã em que o céu está relacionado ao elemento masculino, simbolizando a paternidade, a autoridade, o bem, a força e a vida, inversa à esta perspectiva temos a lua simbolizando o elemento feminino, expressando a morte, o mal, o mistério.

Essa concepção dualística e que associa a mulher a elementos malignos e frágeis é institucionalizada no período inquisitório de caça às bruxas e aplicada na perseguição de mulheres que não alinhavam aos valores cristãos e, de certa forma, na sua relação com a natureza e através de suas práticas sociais subvertiam os valores patriarcais da sociedade. Conforme Kramer e Sprenger (2023), a lua é um instrumento que as bruxas utilizam para exercer seus poderes. Nessa fase, as forças demoníacas tem mais possibilidade de impactar a imaginação e a própria mente. Os autores ainda argumentam que os astros em si não exercem qualquer força malinoza, eles apenas possibilitam, através do favorecimento de condições naturais a ação das forças demoníacas através das mulheres feiticeiras.

A relação da bruxa com o elemento noturno e sua ligação com os seres infernais desempodera socialmente a mulher e a condena, tornando-a um ser inferior quando suas práticas se apresentam fora dos padrões patriarcais e dos valores cristãos.

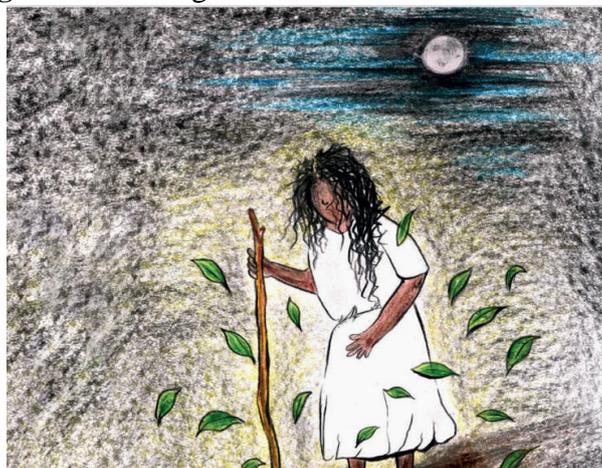
Nesse contexto, podemos considerar que a ligação da mulher com elementos relacionados ao maligno é um primeiro elemento que evidência o processo de colonização nas relações de gênero. Encontramos a figuração da mulher relacionada ao maligno em narrativas amazônicas que apresentam a mulher como uma figura tenebrosa, por exemplo, Matinta Perera, A mulher árvore, Maria caninana, a Mulher árvore, dentre outras. Nessas histórias as personagens surgem no período noturno, em geral, na noite de lua cheia. O momento da aparição é envolto por uma natureza aterrorizante e secreta, associada ao maligno, apesar de

estar ligada à ideia original de mãe, remetendo à proteção. Contudo, a figuração da mulher como bruxa promove um apagamento dos elementos que a empoderam e a associam a um ser inferior, causador de temor.

A expressão da figura da Mãe seringueira apresenta características que se assemelham à bruxa descalça, usando bata e cabelo cobrindo o rosto, “a mulher tinha o cabelo todo arriado pra frente, vestia uma bata de cor branca, e estava descalça[...]” (ALVES; CAETANO; PINTO; AMIM, p. 14, 2021), demonstrando assim, um outro elemento que pode ser relacionado à colonização de gênero expresso na narrativa.

Em uma das ilustrações da obra, é possível observar as características que aproximam a personagem com a figura de uma bruxa e o ambiente assombroso em torno da sua aparição:

Fig. 1: Mãe seringueira: uma das bruxas amazônidas



Fonte: Alves; Caetano; Pinto; Amim (2021, p. 14)

Na Figura 1, fica evidente tanto no ambiente quanto na imagem a ideia de bruxa e a relação com o tenebroso. Como dito anteriormente, essa narrativa circula no contexto de exploração da borracha e apresenta uma mulher temida por sua aparência. Os cabelos desgrenhados, o cajado, o ambiente sombrio e as costas sangrando, aproximam a figura da Mãe seringueira aos seres malignos.

Segundo Hanciau (2004), a tradição oral, impactada pelos padrões europeus de cultura e pelos valores estabelecidos no processo de colonização, inscreve nas narrativas facetas da figura da mulher que expressam uma perspectiva patriarcal e machista, reforçando algumas características que foram estabelecidas no período medieval com a inquisição. Essa constância de sentidos constituídos sobre a mulher no decorrer da história, projeta, conforme Hanciau

(2004), a imaginação dos colonizadores, reforçando valores inferiorizantes da mulher não-europeia.

A inferiorização da mulher que se materializa nas narrativas e circulam transformando-as no decorrer dos tempos, legitima o controle social e o desempoderamento social da mulher nas relações de gênero. A Mãe seringueira, enquanto assombração, é uma entidade protetora da seringa, contudo, enquanto mulher é desfigurada, deslocada para um submundo e seu poder causa temor e está associado ao maligno, expressa com características de uma bruxa, evidenciando a desconstrução de sentidos e valores culturais que a colonização foi capaz de realizar.

A magia é um elemento constituidor dessa narrativa, assim como de outras da região amazônica, símbolo do “mundo contrário” (FREDERIC, 2017), aproximando a mulher de um ser diabólico que tem o poder de enfeitiçar, um ser de mistério, fantasmagórico. Podemos relacionar essa noção de diminuto valor da mulher com os argumentos de Said (2007), quando afirma que a Europa, na tentativa de dominar o campo epistêmico, constrói narrativas sobre o diferente e com isso, promovendo hierarquia de valores, estabelecendo assim, um processo de relação de poder através dos valores culturais.

Na narrativa *A Mãe seringueira*, observamos o engendramento das estratégias de colonização que perpassam as relações de gênero e seu refinamento em figurar uma mulher desfigurada, destituindo-a de poder social já que todo e/ou qualquer ação da Mãe seringueira é compreendido como algo ligado a maldade e elementos infernais. O encontro com ela deixa os seres transtornados:

[...] Nesse momento, a Mãe da Seringueira falou para ele:

- Faça um cigarro pra mim!

Ele disse que sentiu gelar o corpo dele todinho e a voz não saía.

Então pensou: “Meu Deus, mas eu pedi pra essa mulher vir, ela é a Mãe da Seringueira. O que eu peço a ela?”

Ele fez o cigarro, e ela, por debaixo do cabelo, recebeu dele, já aceso.

Depois disso, esse rapaz ficou doido, até hoje ele é meio doido.

Eu acho que ele se assustou tanto, pelo que ele tinha feito, que ele ficou assim, doente.

Aí ela recebeu o cigarro e ordenou:

- Faça seu pedido!

Ele não fez, não teve coragem. A voz não saía.

A mulher foi embora! (ALVES; CAETANO; PINTO; AMIM, 2021, p. 15-18).

No trecho acima é possível identificar o poder de enfeitiçamento da Mãe seringueira, aproximando sua figura à noção de feitiço praticado pelas bruxas. Segundo Kremer

e Sprenger (2023), o encantamento era praticado por velhas mulheres, consideradas feiticeiras/bruxas que, com a ajuda diabólica, eram capazes de iludir os sentidos, fascinar e seduzir. O homem, diante da Mãe seringueira não consegue falar, apresenta traços de desequilíbrio comportamental e na saúde, após o encontro com a assombração, asseverando assim, a noção de que a Mãe seringueira possui força para intervir no ambiente e nas pessoas.

Importante observar que, na Amazônia, os seres de assombração e outras criaturas que se manifestam na natureza, não necessariamente são malinzos. Maués (1999), afirma que as criaturas que circulam na cultura amazônica, algumas denominadas encantadas, podem ser também benevolentes e guardiãs da floresta. Entretanto, ocorre com o processo de colonização que o aspecto positivo dessas criaturas presentes nos valores culturais, tanto dos povos originários quanto das comunidades locais, é solapado pela cosmovisão cristã que, por sua vez, não admitia qualquer tipo de benevolência que não fosse advinda da ordem divina, estabelecida pelos valores cristãos.

Portanto, considerando os argumentos de Maués (1999), o encantamento e os seres encantados, incluindo narrativas que vão fazer parte da cultura da região amazônica, serão compreendidas pelos colonizadores como uma ilusão relacionada ao maligno, descredibilizando o impacto positivo dessas histórias na cultura local, além disso, esse processo contribui para a substituição dos valores da cultura local pelos valores e entidades cristãs.

A narrativa da Mãe seringueira é um exemplo de circularidade e ressignificação das narrativas originárias, já que com sua origem na caipora se transmuta socialmente e, é expressa no contexto da cultura extrativista, por uma mulher velha, assombrosa que é capaz de ‘endoidar’ aquele que descuida ao manejar o corte da árvore, ferindo-a, o que desperta a Mãe seringueira com suas costas sangrando, expressando as fissuras sociais em relação à mulher no contexto de dominação e exploração da Amazônia.

A personagem Mãe seringueira se alinha aos argumentos de Butler (2021), quando analisada na perspectiva do feminismo decolonial pois, enquanto mulher é um ser insólito e incognoscível. Para a figura masculina da narrativa é um desejo e um problema, um ser ambivalente no que se refere ao seu lugar nas relações. Além disso, o poder exercido pela Mãe seringueira está baseado na permuta entre sujeitos, fortalecendo a noção de que a posição da mulher está ligada à uma “indisposição natural [...] desestabiliza as próprias distinções entre natural e artificial, profundidade e superfície, interno e externo” (BUTLER, 2021, p. 09). Com isso, queremos asseverar que a mulher, mesmo ao defender a floresta, é ligada ao maligno e termina por ser inferiorizada.

Segundo Tuan (2005) para a cultura europeia e chinesa e, em outras sociedades que existem o elemento assombroso ou fantasmagórico e a circulação da figura da bruxa, não há uma distinção clara entre esses seres. Ambos estão ligados a maldade e habitam os espaços com as mesmas características, lugares sombrios, como por exemplo, cemitérios, surgem nas noites de lua cheia que fortalecem a ideia com os seres infernais e forças malignas. Além disso, o autor ainda reforça que essas características expressam o estranhamento diante dessas criaturas, ou seja, o que é diferente e desconhecido é selvagem, portanto, pode fazer o mal.

Nesse sentido, retomamos os argumentos de Bruner (1997), quando afirma que as culturas criam estratégias e dispositivos que geram padrões simbólicos na memória e no imaginário social. Essas imagens impactam as práticas sociais e sua organização e impõe a noção de como deve ser, ou seja, a narrativa *Mãe seringueira* evidencia a imagem de uma mulher que ao se apresentar como um assombro com características bruxescas, contribui para desequilibrar o outro, com sua aparição se tornando um ser rejeitável, indesejável e temido.

Essas ideias se relacionam com o contexto de colonização da Amazônia, conforme exposto por Gondim (2019), quando aduz que a mulher amazônida nesse período de exploração do látex, está sujeita à dominação do homem tanto nas atividades laborais quanto sexuais; vista pelo colonizador como inferior e objetificada em seu corpo.

Para Hanciau (2004), Frederic (2017) e Gondin (2019), há no processo de inferiorização e subalternização da mulher, ao longo dos tempos, a estruturação de ideias que conduziam o colonizador a compreender a mulher não-europeia como um ser selvagem, bestial, frágil e vulnerável aos poderes diabólicos e ao erotismo, fortalecendo os significados atribuídos a bruxa europeia, mas agora para a mulher amazônida.

Essa construção social de inferiorização e invisibilização da mulher, engendrada ao longo dos anos, é expressa nas narrativas amazônicas e concordamos com Bruner (1997), quando afirma que a narrativa organiza a experiência e exerce um poder sobre o imaginário extraído e constituindo sentidos e significados para seu contexto sociocultural. Portanto, as narrativas orais podem ser estratégicas para contribuir no processo de colonização e dominação das relações de gênero, desenvolvendo uma figuração do ser mulher que favorece a opressão, a inferiorização e a dominação. Dessa forma, conhecer e analisar as narrativas orais que circulam nas comunidades e povos amazônicos, assim como, abordá-las de forma crítica é um importante instrumento para iniciar um processo de questionamento, reflexão e descolonização nas relações de gênero.

Considerações finais

Esse estudo não teve a pretensão de esgotar os argumentos e a reflexão sobre a temática apresentada, mas tentou analisar os aspectos colonizadores na imagem da mulher figurada como bruxa/feiticeira na narrativa oral amazônica: *A mãe seringueira das costas sangrando*.

Identificamos, no decorrer do trabalho, o impacto no contexto sociocultural onde circulam essas narrativas contribuíram no processo de constituição do imaginário popular gerando sentidos e significados. Nessa senda, observamos que a Mãe seringueira foi uma narrativa que surgiu do mito da caapora (mito indígena) e adquiriu elementos histórico-culturais, ressignificando o sentido da narrativa, promovendo a circulação entre os povos extrativistas do látex a expressão metafórica da figura da mulher e sua condição inferiorizante nas relações de gênero.

A transformação das narrativas no decorrer dos tempos é facilitada pelo contexto de colonização da Amazônia e a forma como o colonizador compreendia a mulher. A noção subalternizada da mulher em relação ao homem se constitui, a partir de um contexto de dominação que se estende aos diferentes campos de vivência que esse sujeito faz parte. Essa condição pode ser encontrada nas narrativas amazônicas que expressa, a exemplo da personagem a Mãe seringueira, a mulher como alguém desgrenhada, com poder de punição, vivendo no submundo, um “não-lugar” fronteiro e cheio de mistérios, aproximando sua imagem à de uma bruxa, reforçando a perspectiva medievista e patriarcal em relação à mulher, mesmo tendo poder está associada, de forma estratégica, a maldição, a escuridão e a figura monstruosa.

Essa configuração da narrativa em sua expressão oral, contribui para reforçar o desempoderamento social da mulher e sua condição subalterna ao homem na região amazônica, caracterizando-se como uma das evidências de colonização nas relações de gênero, assim como, expressando as estratégias de colonização que se estendem além das práticas político-econômicas, elas se articulam nas expressões culturais, através da construção simbólica. Por isso, a problematização e estudo das narrativas orais presentes no imaginário e na cultura amazônica são fundantes para um processo de descolonização de posturas patriarcais e machistas em relação a mulher na Amazônia.

Referências

ALVES, Eva da Silva; CAETANO, Renato Fernandes; PINTO, Auxiliadora dos Santos; AMIM, José Maiko Farias. *A Mãe da Seringueira e a Onça*. Ilustrador: Bruno A. Cruz. Porto Velho: Educar, 2021.

A MÃE-DA-SERINGUEIRA. In: CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore brasileiro*. 10 ed. São Paulo: Ediouro, 2005, p. 534.

BAROJA, Julio Caro. *As bruxas e seu mundo*. Trad. Joaquim Silva Pereira. Lisboa: Vega, 1978.

BOSI, Alfredo. *Literatura de resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRUNER, Jerome. *Atos de significação*. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2021.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução de José Laurência de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FARES, Josebel Akel. Imagens da Matinta Perera em contexto amazônico. *Revista Boitatá*. Vol. 2, n. 3, 2007, p. 62-77. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/30706/21675>. Acesso em 16 fev. de 2025.

FERREIRA NETTO, Waldemar. *Tradição Oral e produção de narrativas*. São Paulo: Paulistana Editora, 2008.

FREDERIC, Silvia.: *Calibã e a Bruxa* mulheres, corpo e acumulação primitiva. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FUNCK, Susana Bornéo. O que é uma mulher. *Revista Cerrados*. vol 20 n. 31. Palavra e poder: representações na literatura de autoria feminina, 2011, p. 65-74. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/26036> . Acesso em: 15 ago. 2024.

GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. 3ª ed. Manaus: Valer, 2019.

HANCIAU, Nubia. *A feiticeira no imaginário ficcional das Américas*. Rio Grande: Editora da Furg, 2004.

MAUÉSS, Raymundo Herald. *Uma outra invenção da Amazônia: religiões, histórias, identidades*. Belém: Cejup, 1999.

NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sonia Maria. NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia. Pós-colonialismos: promovendo diálogos. In: FERREIRA, Carlos Alberto Wensing; PISSINATTI, Larissa Gotti; FERREIRA, Uryelton de Sousa. (org.). *Pós-colonialismo: uma leitura política dos textos literários*. São Carlos: Scienza, 2016.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTANA, Francisco Marquelino; SILVA, Josué da Costa. Os brasivianos do rio mamu e a poética Mitológica do viver nos seringais da Amazônia boliviana. *Ciência Geográfica* – Bauru, Vol. 2, janeiro/dezembro – 2021, p. 549 – 566. Disponível em: https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXV_2/agb_xxv_2_web/agb_xxv_2-08.pdf. Acesso em: 25 ago. 2024.

SANTOS FILHO, Cícero Dantas dos. Entidades sobrenaturais em narrativas de trabalhadores das florestas da Amazônia acriana. *Revista Jamaxi*. Dossiê Jul-Dez, vol. 4, n. 2, 2021, p. 14-24. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/index>. Acesso em: 25 ago. 2024.

SHAKESPEARE, Willian. *A tempestade*. Tradução de Beatriz Viêgas Faria. Porto Alegre: L&PM, 2019.

TUAN, Yi- Fu. *Paisagens do medo*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2005.

Recebido em: 10/03/2025.

Aceito em: 20/04/2025.